



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG**  
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – ICSA  
*Campus Avançado de Varginha*



**DANIELE PAULINA LUCIANO**

**Trabalho Reprodutivo e Trabalho Improdutivo: a exploração do trabalho  
na percepção de um grupo de mulheres trabalhadoras do setor de saúde de  
uma cidade do sul de Minas Gerais**

**VARGINHA/MG**

**2023**

**DANIELE PAULINA LUCIANO**

**Trabalho Reprodutivo e Trabalho Improdutivo: a exploração do trabalho  
na percepção de um grupo de mulheres trabalhadoras do setor de saúde de  
uma cidade do sul de Minas Gerais**

Trabalho de Conclusão do Programa Integrado de Ensino Pesquisa e Extensão (PIEPEX) apresentado como parte dos requisitos para conclusão do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia pela Universidade Federal de Alfenas – *campus* avançado de Varginha – MG.  
Orientadora: Professora Vanessa Tavares de Jesus Dias.

**VARGINHA/MG**

**2023**

**DANIELE PAULINA LUCIANO**

**Trabalho Reprodutivo e Trabalho Improdutivo: a exploração do trabalho  
na percepção de um grupo de mulheres trabalhadoras do setor de saúde de  
uma cidade do sul de Minas Gerais**

A banca examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão do Programa Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão (PIEPEX), apresentado como parte dos requisitos para conclusão do curso Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia pela Universidade Federal de Alfenas – MG.

Aprovada em: / /

Prof.<sup>a</sup> Dra. Vanessa Tavares de Jesus Dias (orientadora)

Instituição: Universidade Federal de Alfenas, *campus* avançado de Varginha – MG.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dra. Aline Lourenço de Oliveira

Instituição: Universidade Federal de Alfenas, *campus* avançado de Varginha – MG.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dra. Fernanda Mitsue Soares Onuma

Instituição: Universidade Federal de Alfenas, *campus* avançado de Varginha – MG.

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **Agradecimentos**

Primeiramente, agradeço a Deus por me proteger e dar suporte espiritual em todos os momentos de dificuldades e aflição.

Ao meu pai Nelson por tudo o que fez por mim e pelos meus irmãos e, principalmente, por sempre me apoiar no desejo de estudar.

À minha mãe Nilza por ter cuidado tão bem de mim e dos meus irmãos, mesmo em meio a tantas dificuldades.

À minha irmã Suzana e meu cunhado Gerson por me ajudarem tanto e por terem contribuído para eu conseguir chegar até aqui.

A toda minha família, que sempre acredita e torce por mim.

Ao meu namorado Marcos por estar sempre comigo, me apoiar e me fazer acreditar que eu posso e que tudo vai dar certo.

Ao meu amigo Josafat que me apresentou a UNIFAL e foi meu companheiro em toda minha caminhada acadêmica.

À minha amiga Íris por todo o apoio emocional durante fases difíceis na realização desse trabalho.

À minha orientadora Vanessa por ser maravilhosa. Agradeço pela paciência, por entender todas as minhas dificuldades, pela excelente orientação e principalmente por não desistir de mim.

Às professoras Fernanda Onuma e Aline Lourenço por terem aceitado participar da banca.

Aos governos Lula e Dilma que, através de políticas públicas, possibilitaram meu ingresso na universidade.

E, por fim, agradeço à Universidade Federal de Alfenas por toda a estrutura que me permitiu construir o que hoje concluo com esse trabalho.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral compreender de que forma um grupo de trabalhadoras do setor de saúde de uma cidade do sul de Minas Gerais percebem suas condições de mulheres trabalhadoras com jornadas duplicadas. O problema que move a pesquisa é depreender a percepção que essas trabalhadoras têm das formas de exploração típicas do trabalho reprodutivo (relativo à vida doméstica) e do trabalho produtivo-improdutivo (relativo ao trabalho fora do ambiente doméstico). Nesse sentido, buscamos descobrir se elas têm a percepção que o trabalho doméstico é uma atividade laboral ou se é uma tarefa “natural” da mulher; se elas têm a percepção que as mulheres são o sujeito de um tipo particular de exploração do trabalho; e se elas fazem distinção entre formas de exploração do trabalho reprodutivo para o trabalho produtivo-improdutivo. Para isso, usamos como referencial teórico a Teoria da Reprodução Social, especialmente aquela desenvolvida pela autora italiana Silvia Federici. A metodologia contou com a utilização de aspectos dessa teoria que serviram de base para a análise das nove entrevistas com nove trabalhadoras. As entrevistas foram transcritas, separadas por assuntos e analisadas levando-se em consideração a repetição de informações. O resultado da análise é que maior parte das trabalhadoras da saúde entrevistadas entendem que nenhum dos dois trabalhos à que se dedicam – nem o improdutivo nem o reprodutivo – é devidamente reconhecido; entendem que o trabalho doméstico é um trabalho gratuito e que deveria ser remunerado; reconhecem que as mulheres são mais cobradas por este trabalho; mas entendem que o trabalho doméstico deve ser assumido pela mulher.

**Palavras-chave – Trabalhadoras, Trabalho Reprodutivo, Trabalho Improdutivo.**

## SUMÁRIO

1. Introdução .....	07
2. Referencial Teórico .....	08
2.1 Trabalho e Reprodução Social .....	08
2.2 Reprodução Social e as Mulheres .....	10
2.3 Trabalho Reprodutivo: um trabalho por amor? .....	11
2.4 Trabalho Reprodutivo e Exploração .....	12
3. Metodologia e Procedimento Metodológicos .....	13
4. Apresentação e Discussão dos resultados .....	15
5. Considerações Finais .....	21
6. Referências Bibliográficas .....	23

## 1 INTRODUÇÃO

A condição das mulheres no mundo do trabalho segue sendo um assunto de constantes discussões. A dupla jornada, marcada pelo trabalho fora de casa e os afazeres domésticos, continua fazendo parte da vida da maioria das mulheres. Mesmo com empregos remunerados, o cuidado da casa e da família ainda é associado às mulheres e tratado como sua responsabilidade. A mulher trabalhadora é também mãe, esposa, filha e avó. Além disso, se preocupa com as expensas domésticas e a manutenção do espaço da casa.

Ser mulher trabalhadora é, antes de tudo, um trabalho que tem se caracterizado por jornadas estendidas. Buscar compreender como as próprias trabalhadoras entendem sua condição de trabalhadora, dentro da interface entre trabalho improdutivo<sup>1</sup> e reprodutivo, é o tema desse trabalho.

É importante ressaltar que, quando demos início a esse estudo, o propósito era estudar mulheres trabalhadoras da saúde e as suas condições de trabalho durante a pandemia da COVID-19. O tema geral era entender o processo de precarização do trabalho naquele contexto particular, e especialmente com as mulheres. Os sujeitos escolhidos foram as trabalhadoras do Hospital de Campanha, hospital montado dentro da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), *campus* Varginha. Naquele momento, pudemos verificar que havia uma série de problemas relacionados aos direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras. Muitos(as) não tinham contratos de trabalho específicos para aquela prestação de serviço, eram aproveitados(as) e descolocados(as) de outras unidades de saúde, faziam duplas jornadas combinando trabalho no hospital de campanha e outros lugares ao mesmo tempo, além de lidar com situações de estresse e contaminações. O problema de pesquisa era *quais problemas relativos à precarização do trabalho emergiram durante a pandemia e atingiram especialmente as mulheres*. No entanto, a crise sanitária e as recomendações para realização de entrevistas face a face, à época, limitaram as possibilidades de realizar pesquisa qualitativa como havia sido inicialmente planejado. Não houve possibilidade, igualmente, de conseguir os contatos das trabalhadoras para entrevistas *online*. Conseguimos levantar alguns documentos sobre contratos de trabalho, mas a pesquisa acabou não sendo concluída por um conjunto de problemas. O hospital de campanha foi desmontado e as entrevistas não foram realizadas.

---

<sup>1</sup> Para Marx, trabalho improdutivo é o trabalho que não produz mais-valia. A definição dessa categoria será explicitada de forma mais completa mais adiante.

Por isso, precisamos alterar os sujeitos de pesquisa, que passaram a ser trabalhadoras de um hospital público de uma cidade do sul de Minas Gerais. O interesse por essa categoria de trabalhadoras nasceu por minha identificação com esses sujeitos, uma vez que também sou servidora da saúde. Após realizar pesquisa de campo e ouvir as entrevistadas, surgiram questões que deram forma ao estudo que será aqui apresentado.

A pesquisa aconteceu em período posterior à crise causada pelo vírus SARS-CoV-2. Por isso, o tema de pesquisa precisou ser alterado. Realizamos entrevistas abertas com nove trabalhadoras, sem haver uma pergunta totalmente estruturada, apenas um tema geral no nível descritivo, qual seja: “como as trabalhadoras de saúde conciliam trabalho improdutivo e trabalho reprodutivo?”. Após a primeira entrevista e a realização de leituras, uma pergunta pareceu relevante e passei a fazê-la de forma recorrente: “se o trabalho doméstico fosse remunerado, você ainda trabalharia fora de casa?”. As respostas levaram posteriormente à pergunta de pesquisa e aos objetivos desse estudo.

O problema dessa pesquisa é: Como trabalhadoras de saúde de um hospital público localizado em um município da região sul de Minas Gerais percebem a exploração de seu trabalho improdutivo e reprodutivo? O objetivo geral é compreender como essas trabalhadoras percebem suas condições de mulheres trabalhadoras com jornadas duplicadas, dentro e fora de casa. O objetivo específico é identificar conexões entre a percepção (ou não) da exploração do trabalho e aspectos próprios do trabalho no serviço de saúde.

Este trabalho está dividido em cinco partes: após a Introdução, o leitor encontrará Referencial Teórico, Metodologia e Procedimentos Metodológicos, Apresentação e Discussão dos Resultados e Considerações Finais.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Nesta seção, serão apresentadas as categorias analíticas que embasam as análises com fins de responder aos objetivos desta pesquisa.

### **2.1 Trabalho e Reprodução Social**

O primeiro ato histórico para Marx e Engels (2007) é a elaboração das condições materiais mínimas para a sobrevivência das pessoas. A existência humana exige que os indivíduos comam, vistam-se, se abriguem do frio, entre outras coisas. Para isso, o homem se imiscui com a natureza de forma a retirar dela tudo o que necessita. A diferença da relação do homem com a natureza em relação aos animais é que estes são perfeitos na sua atividade



“laboral” – uma aranha realiza um trabalho melhor que o de um tecelão, uma abelha pode envergonhar o melhor engenheiro (MARX; ENGELS, 2017) -, enquanto o homem, diferentemente, cria as condições sociais para a realização de suas tarefas. Este é o segundo ato histórico para os dois pensadores: a construção da historicidade do social, ou seja, as condições sociais e históricas para a realização do trabalho (MARX; ENGELS, 2007).

No sistema capitalista de produção, os trabalhadores e as trabalhadoras se dedicam a atividades produtivas, improdutivoas e reprodutivas. Segundo Marx (2017), as atividades produtivas são aquelas nas quais o trabalhador produz mais-valia para o capitalista; já o trabalho improdutivo é aquele que mesmo produzindo bens e serviços, não produz mais-valia. Portanto, não é o trabalho em si que pode ser considerado produtivo ou improdutivo. É preciso levar em conta o resultado do trabalho. O trabalho de uma costureira que vende a sua força de trabalho para uma grande confecção de roupas e recebe valores por peça confeccionada, realiza trabalho produtivo, porque ela produz mercadorias que serão vendidas e ela receberá um valor inferior ao que ela produz. Ela produz mais-valia, portanto. No entanto, uma costureira que se dedica a ajustar roupas compradas por um consumidor, realiza trabalho improdutivo (SOUZA, 2020). Trabalho produtivo e trabalho improdutivo fazem parte do mesmo sistema de produção, estando ligados no processo de valorização de mercadorias.

Dito isso, é importante frisar que a parte do tempo dedicada ao trabalho (seja produtivo ou improdutivo) exige que os indivíduos se encontrem em condições físicas e mentais para assumir um lugar na divisão do trabalho. Por isso, todas as pessoas devem vestir-se, comer, dormir, abrigar-se do frio etc., de forma a suprir as necessidades de sobrevivência. Só assim grande parte destas pode levantar-se às manhãs para produzir valor ou intermediar essa produção. Entre as condições necessárias para que essa ação dê certo, é preciso ter uma casa limpa e arrumada, cuidados com a saúde, apoio psicológico, entre outras. Esse é o processo chamado por Arruzza et. al. (2019) de “produção das pessoas”. Pessoas “produzidas” são capazes de usar-se como instrumento de trabalho para produzir bens e serviços, que não eles mesmos.

Segundo Arruzza et al. (idem, p. 52), “o trabalho de produção de pessoas supre algumas das precondições – materiais, sociais e culturais – fundamentais para a sociedade humana em geral e para a produção capitalista em particular”. Essas atividades que sustentam seres humanos como seres sociais corporificados, que precisam não apenas comer e dormir, mas também criar as crianças, cuidar de famílias e manter as comunidades enquanto

perseguem esperanças no futuro, as autoras denominam “Reprodução Social” (ARRUZA et. al, 2019).

O trabalho de produção de pessoas é o que possibilita todas as outras formas de trabalho. Trata-se da base sobre qual se ergue o edifício produtivo, onde se encontra toda a produção de bens materiais e simbólicos, de prestação de serviços públicos e privados, de transporte de pessoas e de mercadorias. Ainda segundo as autoras supracitadas (idem, p.52), “essa atividade não apenas cria e mantém a vida no sentido biológico, ela também cria e mantém nossa capacidade de trabalhar”, ou seja, nossa força de trabalho.

## 2.2 Reprodução Social e as Mulheres

Como apresentado na seção anterior deste capítulo, o trabalho de produção de pessoas é vital para as outras formas de trabalho e, assim, principalmente para o capitalismo. Este trabalho, dito “trabalho reprodutivo”, marcado pela realização de tarefas domésticas e de cuidados com a família, é realizado, em sua grande maioria, por mulheres.

Segundo Federici (2021, p.157), “o trabalho doméstico é até hoje considerado por muitas pessoas uma vocação natural das mulheres, tanto que é rotulado como ‘trabalho de mulher’”. Mesmo com um emprego remunerado para além do espaço doméstico, a responsabilidade pelo trabalho reprodutivo, continua sendo uma “tarefa feminina”. O trabalho produtivo ou improdutivo fora de casa por si só não representou uma libertação para as mulheres. Na grande maioria das vezes, representa mais trabalho e mais cansaço, devido a uma dupla jornada. É que nos apresenta Federici:

Conseguir um segundo emprego nunca nos libertou do primeiro. Ter dois empregos apenas significou para as mulheres possuir ainda menos tempo e energia para lutar contra ambos. Além disso, uma mulher, trabalhando em tempo integral fora ou dentro de casa, casada ou solteira, tem que gastar horas de trabalho na reprodução da sua própria força de trabalho (...). (FEDERICI, 2019, p. 69).

Outro aspecto importante do chamado trabalho reprodutivo é que, sempre que mulheres acumulam dupla jornada, acabam, na grande maioria das vezes, por delegar a outras mulheres as funções domésticas (SAFFIOTI, 2001, p. 9). Contratam, mediante pagamento de salários, diaristas, empregadas domésticas ou cuidadoras para realizarem, em seus lares, as atividades de produção de pessoas.

Não remunerado e naturalizado como responsabilidade feminina, o trabalho reprodutivo é apontado (propositalmente, pela ideologia do capitalismo) como um “trabalho por amor”. Em outras palavras, a moralidade capitalista do processo de acumulação se

apropriada de características padronizadas do sujeito feminino para justificar o trabalho gratuito. É sobre isso, que trataremos na seção seguinte.

### **2.3 Trabalho Reprodutivo: um trabalho por amor?**

A naturalização do trabalho reprodutivo como responsabilidade das mulheres é algo incrustado na nossa sociedade. O sujeito feminino é ensinado, desde o nascimento, a adquirir determinadas características de gênero reconhecidas como padrão pelas sociedades. Aos poucos, o seu corpo é moldado a determinados modelos de conduta, como andar, falar, gesticular, ao mesmo tempo em que é socializado a assumir no universo social determinadas tarefas, como cozinhar, cuidar, organizar, e outras tantas que estão diretamente vinculadas ao universo doméstico. Essas funções são transmitidas como algo intrínseco ao significado do que é ser mulher. Ao mesmo tempo, levando em conta pressupostos de classe, a socialização pode acontecer para alguns grupos de maneira lúdica, por meio de brinquedos, brincadeiras infantis, desenhos animados. O trabalho doméstico, portanto, não é ensinado como uma obrigação laboral, mas como algo intrínseco à própria existência da mulher, que seria supostamente portadora do amor e do cuidado.

Para Federici (2019, p.42), o trabalho doméstico “não só tem sido imposto às mulheres como também foi transformado em um atributo natural da psique e da personalidade femininas, uma necessidade interna, uma aspiração, supostamente vinda das profundezas da nossa natureza feminina”. E não é à toa que essa naturalização é passada para o sujeito feminino. Mulheres precisam ser convencidas de que o trabalho reprodutivo é uma vocação natural, para que não haja questionamentos sobre a ausência de remuneração e nem pensem em abandonar a função. A não remuneração do trabalho doméstico faz com que ele nem seja considerado como labor, e quando a função não entra no catálogo de atividades laborais, exclui-se as possibilidades de questioná-la ou de reivindicar direitos.

Ainda que seja possível observar outras formas de opressão sobre o sujeito feminino em outras épocas históricas, a naturalização do trabalho doméstico vem da própria ideologia do capitalismo. Interessada nessa questão, Silvia Federici contribuiu dizendo:

O capital tinha que nos convencer de que o trabalho doméstico é uma atividade natural, inevitável e que nos traz plenitude, para que aceitássemos trabalhar sem uma remuneração. Por sua vez, a condição não remunerada do trabalho doméstico tem sido a arma mais poderosa no fortalecimento do senso comum de que o trabalho doméstico não é trabalho, impedindo assim que as mulheres lutem contra ele, exceto na querela privada do quarto-cozinha, que toda sociedade concorda em ridicularizar, reduzindo ainda mais o protagonismo da luta. Nós somos vistas como mal-amadas, não como trabalhadoras em luta. (FEDERICI, 2019, p. 43).

A não remuneração do trabalho reprodutivo, sustentada por uma naturalização que o reduz a uma atividade “por amor”, nos faz refletir sobre certa exploração oculta que se encontra nas interfaces dessa modalidade. Trataremos desse assunto na próxima seção.

## **2.4 Trabalho Reprodutivo e Exploração**

Se pensarmos na conceituação de mais-valia elaborada por Marx, podemos concluir que, no capitalismo, todo trabalhador é explorado. Segundo Marx (2017), a mais-valia é obtida no processo de valorização, em que o trabalhador produz mais que o necessário para sua reprodução. Porém, a maioria das pessoas que compõem as classes trabalhadoras não reconhece sua exploração, pois a remuneração que lhes é paga dá a impressão de um negócio justo: seria um pagamento por trabalho realizado de modo supostamente justo e benéfico tanto para quem emprega quanto a quem trabalha. No entanto, de acordo com Federici (2019), o salário pago pelo trabalho oculta o valor excedente resultante do trabalho não pago.

Este trabalho, dito “trabalho produtivo”, conceituado como sendo aquele que gera mais valor ao capital, é mistificado. A remuneração paga por ele acaba por esconder a exploração contida nos seus processos. Mas, como nos apresenta Federici (2019, p.42), “pelo menos o salário é uma forma de reconhecimento como trabalhador, sendo possível barganhar e lutar contra os termos e a quantidade desse salário”. Já no trabalho reprodutivo, na maioria das vezes, não remunerado, esse reconhecimento não acontece. A falta de salário reafirma a ideia desenvolvida anteriormente de que o trabalho doméstico apresenta-se como algo natural, que deve ser feito “por amor”.

Contudo, conforme já apresentado anteriormente, o trabalho reprodutivo é vital para as outras formas de trabalho, na medida em que cria e mantém a força de trabalho. Dessa maneira, pode-se dizer que é uma extensão do trabalho produtivo, que mantém a base para a geração de mais valor, e do trabalho improdutivo, que não produz mais-valia, mas que ocupa funções diversas no processo de valorização. Além disso, é caracterizado por “jornadas que nunca acabam”. Portanto, se o trabalho produtivo-improdutivo, que é remunerado, já contém exploração, o trabalho de reprodução de pessoas é ainda mais explorado. Isto porque, na lógica da exploração – da produção de mais-valor relativo e mais-valor absoluto – a exploração é calculada pela diferença entre quantidade de trabalho necessário para a produção de valor e o valor da remuneração do trabalhador. Ou seja, quanto menos tempo o trabalhador leva para produzir valor e menor é o salário proporcional, mais explorado ele é (MARX,

2017). No caso do trabalho doméstico, as mulheres dedicam muitas horas de trabalho para produzir a força de trabalho, mas não recebem nada por isso.

### **3. METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Esta pesquisa, como dito anteriormente, tem como problema compreender como trabalhadoras da saúde de um município da região sul de Minas Gerais percebem a exploração de seu trabalho improdutivo e reprodutivo. O objetivo geral é compreender como essas trabalhadoras percebem suas condições de mulheres trabalhadoras com jornadas duplicadas, dentro e fora de casa. O objetivo específico é identificar conexões entre a percepção (ou não) da exploração do trabalho e aspectos próprios do trabalho no serviço de saúde. Para responder ao problema de pesquisa e aos objetivos apontados, foram entrevistadas trabalhadoras da saúde de um hospital público com diferentes funções e diferentes faixas salariais. Essa escolha se deveu à facilidade de acesso, porque também sou trabalhadora do setor de saúde e havia maior facilidade em abordá-las e entrevistá-las e não por conta de alguma pergunta prévia sobre o setor de saúde. Mas, por serem trabalhadoras da saúde, entendemos que o trabalho específico delas poderia apontar para alguma especificidade nas suas falas sobre trabalho produtivo-improdutivo-reprodutivo capaz de trazer alguma novidade para o campo de estudos do trabalho reprodutivo. Ainda que não tenha explorado as especificidades do trabalho em saúde, a expectativa durante a pesquisa de campo era que suas falas apontassem para algum aspecto que pudesse se transformar numa variável de análise, isso porque o trabalho doméstico tem a dimensão do cuidado e o trabalho num hospital público tem também essa dimensão.

O hospital escolhido para a realização da pesquisa é um hospital público localizado em um município da região do sul de Minas Gerais. A instituição presta serviços de alta complexidade, como cirurgias e internações e também realiza atendimentos ambulatoriais, como consultas e exames. A seleção e admissão de servidores são feitas, em sua grande maioria, por meio de concurso público, com exceção dos casos que são terceirizados. As entrevistadas foram todas admitidas através de concurso público. Quatro delas desempenham funções relativas a serviços gerais, duas delas realizam atividades administrativas e três delas trabalham em atividades assistenciais.

Para a realização dessa pesquisa foi utilizado método qualitativo de coleta de dados, por meio de entrevistas em profundidade, que partiram de um conjunto de questões abertas, que permitiram que as entrevistadas falassem livremente sobre as suas vidas. Foram feitas

nove entrevistas, de forma presencial, em diferentes lugares escolhidos pelas próprias entrevistadas. Cinco das entrevistas foram feitas nas casas das entrevistadas, três no hospital e uma na casa da mãe de uma das trabalhadoras.

Durante as entrevistas, as questionamos sobre a trajetória profissional, percepções sobre o trabalho atual e vida doméstica. Para uma base de conversa e direcionamento da entrevista, além de questionamentos como idade, estado civil e função realizada, foram feitas perguntas como:

- 1- Qual sua história no mundo do trabalho?
- 2- Qual sua atividade atual?
- 3- O que acha do seu trabalho?
- 4- Qual sua rotina depois do trabalho fora de casa?
- 5- O que gosta mais: trabalhar fora ou em casa?
- 6- Das tarefas de casa, qual você acha que demanda mais atenção e tempo?
- 7- Se o trabalho doméstico fosse remunerado, você trabalharia fora de casa?

A cada pergunta feita surgiam respostas que levavam a outras perguntas. Assim, as entrevistas foram feitas por um encadeamento de assuntos, permeados por desabafos, afetos e cumplicidade, que tornaram essas experiências sempre muito emocionantes.

No entanto, percebemos que havia uma pergunta-chave que se tornou central para a pesquisa. Já durante a primeira entrevista, a pergunta que pareceu mais relevante foi “Se o trabalho doméstico fosse remunerado, você trabalharia fora de casa?”. A partir daí, ela foi feita de forma recorrente.

No Quadro1, consta o perfil das trabalhadoras entrevistadas, considerando informações importantes para análises das entrevistas. Os nomes foram trocados a fim de garantir o anonimato das participantes e as funções também não foram expostas, com a intenção de evitar qualquer identificação. Os nomes das pessoas citadas nas entrevistas também foram trocados por fictícios.

Quadro 1 – Perfil das trabalhadoras entrevistadas

Nome fictício	Idade	Estado Civil	Filhos	Função	Faixa salarial
Fátima	43 anos	Casada	Sim	Nível Fundamental	Até 2200 reais
Eliane	32 anos	Casada	Sim	Nível Superior	Acima de 5000 reais
Silvia	53 anos	Casada	Sim	Nível Fundamental	Até 2200 reais
Beatriz	31 anos	Casada	Sim	Nível Médio	Até 2500 reais
Sônia	49 anos	Casada	Sim	Nível Fundamental	Até 2200 reais
Alice	42 anos	Casada	Sim	Nível Médio	Até 2200 reais
Kelly	39 anos	Casada	Sim	Nível Médio	Até 2200 reais
Janaína	32 anos	Solteira	Sim	Nível Fundamental	Até 2200 reais
Júlia	34 anos	Casada	Sim	Nível Superior	Acima de 5000 reais

Fonte: Elaboração Própria.

As entrevistas foram transcritas e separadas, de forma que fosse possível encontrar semelhanças e diferenças nas narrativas. Essa seleção foi feita à luz da Teoria da Reprodução Social, tratada no referencial teórico.

#### 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, será apresentada a análise das falas das entrevistadas a fim de compreender de que forma essas trabalhadoras expressam a sua condição de mulheres trabalhadoras com jornadas duplicadas, dentro e fora de casa. Para isso, utilizaremos a lente da teoria da Reprodução Social para recortar partes das entrevistas que consideramos relevantes para responder à pergunta de pesquisa e para cumprir os objetivos que apresentamos.

Na descrição das entrevistas, será usada a letra E para indicar a fala da entrevistadora e o nome fictício de cada trabalhadora, para indicar suas respectivas falas.

O primeiro ponto que destaco são as respostas à pergunta-chave da pesquisa: “você trabalharia fora de casa, caso o trabalho doméstico fosse remunerado?”. Abaixo, destaco alguns trechos, aos quais acrescentarei alguns comentários.

E: E se o trabalho doméstico fosse remunerado, você trabalharia fora?

Fátima: Não.

E: Por quê?

Fátima: Não! A remuneração que é o importante. Eu ficaria só em casa mesmo. Só fazendo serviço de casa. Se o trabalho em casa fosse remunerado acho que ninguém ia trabalhar fora.

E: Por que você acha?

Fátima: Ó, com tudo sendo bom, você vê muita coisa que te incomoda. Tipo injustiça. Tem muita injustiça, tem muita gente que às vezes, trabalhamos iguais, ganhamos o mesmo e muitas vezes os que trabalha menos, tem mais valor do que a pessoa que trabalha mais. Às vezes, a pessoa que trabalha tanto nem é visto. Às vezes a pessoa entrou ontem ou anteontem, por exemplo, e já tá conseguindo as coisas. Tipo, ah, tem mais voz ativa do que uma funcionária mais velha. Isso aí traz angústia pra gente, a

gente fica angustiada, fica nervosa com aquilo porque é injustiça demais. Porque as coisas não são iguais pra todos? E a gente vê que não é. (...)

A mesma entrevistada continua:

E: E o que você acha dessa remuneração do trabalho doméstico?

Fátima: Ai, nossa, eu acho que era o sonho de muita mulher, né? Igual, eu aproveitaria para cuidar dos meus filhos. Quando eles eram pequenos, meu sonho era não precisar trabalhar fora, só cuidar deles. Era meu sonho. Igual, eu tinha uma vizinha que não precisava trabalhar fora, o marido saía e ela só cuidava dos filhos. Eu achava um máximo ela cuidar das crianças, da roupa, brincava com as crianças... E eu não podia, não tinha tempo pra isso.

Outras entrevistadas acompanham a mesma opinião:

E: E se o trabalho doméstico fosse remunerado pelo estado, você trabalharia fora?

Sônia: Não! Porque praticamente a gente trabalha porque precisa, né? Tem contas a pagar. Se eu tivesse uma remuneração ia cuidar mais da minha casa, da minha família, de mim, minha filha. Ter mais tempo. Trabalho fora toma tempo demais da conta.

E: E se o trabalho doméstico fosse remunerado pelo Estado, você trabalharia fora?

Sílvia: De jeito nenhum. Eu trabalho fora porque preciso do dinheiro. Se eu recebesse pra fazer o serviço de casa, não saía de casa não. Acho justo porque já faço de graça mesmo.

Para a mesma pergunta, Alice acrescenta que o valor da renda do trabalho doméstico implicaria a sua decisão. Ao mesmo tempo, demonstra clareza sobre as pressões sociais sobre as mulheres, sobretudo as mães.

E: E se o trabalho doméstico fosse remunerado, você trabalharia fora?

Alice: Se fosse uma remuneração assim, razoável. Tipo né que desse pra gente né... Ah eu ficava em casa. Porque acho que gente estando em casa, a gente cuida melhor principalmente do filho. Porque quando a gente não é mãe, a gente não dá muita atenção pra essas coisas. Mas depois que a gente é mãe a gente dá. A gente tem a culpa de sair, deixar sozinho. Então, a gente tem esse peso nas costas da gente. Eu acho que é diferente do homem, do pai. O pai eu acho que não tem esse peso. Mas a gente que é mãe a gente tem.

E: Por que você acha que você tem esse peso?

Alice: Ah gente tem esse peso de cuidar, de não deixar acontecer nada. Porque é uma joia que a gente recebeu da mão de Deus.

Como é possível perceber, as trabalhadoras enxergam problemas nas duas esferas laborais. Kelly, no recorte abaixo, dá ênfase à falta de reconhecimento que percebe tanto em casa como no hospital.

E: E se o trabalho doméstico fosse remunerado, você trabalharia fora?

Kelly: Não. Eu ficaria em casa. Porque assim, os dois dão muito trabalho, tanto o de casa quanto o de fora. O de fora enche o saco da gente. A única coisa boa é que te molha a mão no final do mês. Você tem o dinheiro. O de casa você não tem reconhecimento nenhum. Ninguém vê. Só quando você não faz. Mas, o de fora



também não tem. Mas, tem remuneração. E como de todo jeito eu faço o de casa, então eu ficaria. Porque trabalhando em casa, apesar de ninguém reconhecer, seria remunerado. (...) E, eu acho certo. Acho que tem que ser pago. É um trabalho como outro qualquer.

E: E se o trabalho doméstico fosse remunerado, você trabalharia fora?

Janaína: Ah se eu recebesse eu acho que eu ficaria em casa. Eu gosto de trabalhar, mas quando o teu corpo vai cansando assim, eu vou ficando bem cansada. Eu gosto da rotina, não vou te mentir não, eu gosto da minha rotina de levantar e trabalhar. Mas, se fosse pra ficar em casa e receber, eu preferia. É... porque eu venho trabalhar, porque eu tenho que trabalhar, pra mim ganhar meu dinheiro. Pra mim pagar minhas coisas.

Ainda que a maioria das entrevistadas tenha afirmado que escolheriam trabalhar apenas em casa, três delas responderam que trabalhariam fora de casa, mesmo com salário doméstico sendo remunerado. Uma delas, que nomeei Beatriz, tem cargo de nível médio no hospital, com faixa salarial mais baixa, porém é formada em curso superior. As outras duas atuam em cargos de nível superior e possuem faixa salarial mais alta. As três apresentaram como justificativa o desejo de satisfação e o trabalho como forma de realização e libertação. Abaixo, estão três recortes de entrevistas que ilustram essa ideia.

E: E se o trabalho doméstico fosse remunerado, você trabalharia fora?

Beatriz: Se eu tivesse profissão sim, igual tipo eu sou (...) [aqui, a entrevistada informou a sua formação no ensino superior]. Lógico que eu não tô na minha área. Mas, é parecida. Agora se eu não tivesse profissão, acho que seria o ideal pra todo mundo, entendeu? Porque quando a gente tem profissão, a gente investiu numa faculdade, aí a gente espera o retorno.

E: E se o trabalho doméstico fosse remunerado, você trabalharia fora?

Eliane: Sim, trabalharia. O serviço fora acaba sendo uma terapia. Porque assim, eu sempre trabalhei fora, não gosto do serviço doméstico. Não é uma coisa que me satisfaz. Você não tem um horário de descanso. Agora, trabalhando fora é diferente.

E: E se o trabalho doméstico fosse remunerado, você trabalharia fora?

Júlia: Eu acho que se eu não fosse formada, se eu não tivesse uma faculdade, eu acho que eu trabalharia em casa. Mas, como eu fiz a minha profissão e eu gosto de estar na minha profissão, né? Ainda mais agora conhecendo mais a fundo outro ramo, que não tinha nada a ver com o que eu fazia, mas que eu gosto também, eu acho que eu ia preferir manter o que eu estou fazendo. Só gostaria talvez se fosse possível ganhar o que ganho e reduzir um pouco a carga horária, que no final pra mim dá a mesma quantidade trabalhada. Só. Mas, eu gosto de trabalhar fora.

Outra pergunta que levou a respostas importantes para essa análise foi “Qual é a sua rotina depois do trabalho fora de casa?”. É importante dizer que a pergunta citada levou a outras perguntas que contribuíram também para a análise. Abaixo, estão destacados alguns trechos que analisamos:

E: Qual sua rotina depois do trabalho fora de casa?

Fátima: Então, eu saio do hospital seis e meia. Lá trabalho doze horas, né. Aí, chego em casa o trabalho continua. Todo dia você chega, janta pra fazer, casa pra ajeitar. Aí é uma roupa ou outra que você põe pra lavar. (...) Mas, o mais difícil é a janta, porque todo dia tem que fazer, limpar a cozinha.

E: E a janta é só você quem faz?

Fátima: Ah é. Igual eu falo pro Edimar [marido]. Meu sonho era ele saber cozinhar. Mas, ele num cozinha não. Quer dizer, fome num passa. Ele põe pra esquentar, faz um “arroizinho” se precisar. (...) Mas, falei, meu sonho era ele cozinhar, lavar também, passar, tudo! Mas, é só sonho mesmo. Porque isso é a gente que faz tudo. Mas, ele me ajuda sim. Ele dá uma lavada na garagem, tira uma roupa do varal. Do cachorro é ele que cuida.

E: Tem mais alguma coisa da sua rotina?

Fátima: Ah! Tem. Aí nos dias da minha folga, eu às vezes resolvo as coisas fora de casa, pago conta, faço compra. E final de semana que tô de folga e pego a minha neta pra passear. Nunca tenho folga [risos].

E: A folga que você falou é do hospital?

Fátima: Isso. Nesses dias que eu faço compra, que pago conta. Resolvo minhas contas e do marido também, né. Que a gente tem que fazer a dele também, porque ele não tem tempo.

Fátima demonstra em suas falas que reconhece o quanto o trabalho da casa e as expensas domésticos exigem dela. Porém, aparenta ainda achar que a responsabilidade é somente dela. Trata a participação do marido nas tarefas como ajuda e não como papel dele também. A seguir, Silvia segue com uma opinião semelhante:

E: Qual sua rotina depois do trabalho no hospital?

Silvia: Ah eu saio cedo lá do hospital, aí o dia que vou pro pai, cuido lá, depois volto. Quando tenho que resolver as coisas no centro, já vou direto, porque se vir em casa desanima. Aí aqui em casa, eu lavo, passo, cozinho, é faxina. Mas, não é todo dia não. Porque o marido me ajuda muito. Lava louça, ajeita as coisas. Não limpa geladeira, fogão. Mas, o resto ele faz. Porque ele tá aqui. Mas, faz do jeito dele também, eu não falo nada, porque tá fazendo tá bom. Às vezes, ele faz tanta coisa, que eu falo que ele é a mulher da casa e eu sou o homem.

No caso de Silvia, fica claro que ela considera as atividades do trabalho reprodutivo como responsabilidade da mulher, na medida em que fala que o marido, quando realiza funções domésticas, torna-se “a mulher da casa”.

A seguir, o trecho apresenta Sônia que também trata a participação do marido e do filho nas tarefas domésticas, como ajuda:

E: Qual sua rotina depois do trabalho no hospital?

Sônia: Saindo daqui vou lá pra pracinha, pego o ônibus pra ir pra casa, chegando lá, tiro essa roupa, né? Aí vou tomar o café da tarde, que eu deixo pra tomar em casa. Dali a pouco já tá na hora de preparar o jantar. (...) Aí tiro o almoço dos dois lá, que é meu filho e meu marido, já deixo pronto. Ele leva o almoço dele e meu menino, a hora chega da escola, esquento o dele. Depois ajeito e vou dormir. (...) As coisas da casa eu faço no final de semana. Aí eles me ajudam na faxina.

E: A comida é só você quem faz?

Sônia: Ah, a comida só eu. Mas, tô ensinando meu menino agora. Porque é bom saber né. A gente não sabe o dia de amanhã. Às vezes resolve morar sozinho ou Deus leva uma perda da gente, então tem que aprender.

A mesma questão é observada nas falas de Alice:

E: Qual sua rotina depois do trabalho?

Alice: Então, cinco e pouquinho eu chego. Geralmente, eu vou, tomo meu banho e aí eu venho, lavo alguma louça, às vezes aproveito pra passar roupa né. Porque às vezes não dá pra passar no final de semana. Tem dia que eu preciso fazer janta. Aí o dia que eu preciso fazer mesmo a comida, aí eu chego faço a comida e vou tomar banho depois. (...) Agora, a faxina de sexta eu não faço mais. Porque como eu quebrei o pé a minha rotina mudou um pouco do que era antes. A minha sorte é que o Marcos [marido] e o Dênis [filho] me ajudam muito. Eles me ajudam na faxina, lavam louça também. Me ajudam muito mesmo.

Nas falas de Kelly, ela reafirma a questão do cuidado como responsabilidade da mãe e, conseqüentemente, da mulher:

E: Qual sua rotina depois do trabalho?

Kelly: Ah eu chego, tomo um banho, depois eu faço café, tomo meu café, respiro fundo e vou fazer alguma coisa pra comer antes da minha menina chegar antes. Aí eu faço uma janta, uma carne, o que tiver pra mim fazer, que eu vejo que eu vou fazer naquele dia que eu planejei. Aí, terminando, eu busco ela, na minha mãe. Quando ela chega, aí meu tempo é pra ela, eu cuido, brinco, dou atenção. A casa fica pro final de semana. Porque aí meu tempo é pra ela. Eu tenho que dar esse tempo pra ela, né.

Como podemos observar nas falas de Janaína, mesmo não morando com o pai, ela se sente responsável por fazer a comida para ele. Segundo a sua fala, isto se deve ao fato de ele morar sozinho e ela ser a mulher mais próxima:

E: Qual sua rotina depois do trabalho?

Janaína: Eu chego em casa cinco e meia da tarde. Aí como eu moro ali do lado da casa do meu pai, eu passo na casa do pai, tomo café junto com ele, converso um pouquinho. Aí eu já vou ver o que tem na geladeira dele, vou lá na minha casa, vejo o que eu vou fazer de janta e depois levo pra ele. Ele mora sozinho, aí levo pra ele. (...) Minha mãe falou assim: “Teu pai tá mal acostumado. Teu pai sabe fazer as coisas. Você tá acostumando teu pai muito mal”. Sempre foi assim, meu pai ficava deitado esperando ela fazer janta. Mas, eu não vejo assim. Porque eu tô próxima dele e ele mora sozinho, então faço pra ele. Mas, não fico esquentando muito não. Eu faço no meu tempo.

Nas falas de Eliane, transcritas abaixo, podemos perceber a recorrência de falas que percebem a participação dos companheiros nas tarefas domésticas como “ajuda”. E, além disso, a delegação das funções domésticas à outra mulher, no caso a mãe dela.

E: Qual sua rotina depois do trabalho?

Eliane: Chego em casa, pego o Caíque [filho], aí tomo um café. Aí eu fico com ele um pouco, aí depois eu vou dar banho, depois a gente [ela e a mãe] arruma a janta dele, aí faço ele dormir. Às vezes vou na academia. Às vezes faço alguma coisa na casa, um

banheiro, arrumo alguma coisa. Mas, normalmente é mais ficar com o Caíque. No serviço doméstico, que a gente tava comentando, a minha mãe me dá um suporte. Ela ajuda bastante, ela faz quase tudo ultimamente. O Pedro [marido] também ajuda quando precisa.

E: Ele cozinha?

Eliane: Não, cozinhar não. Quando eu peço pra lavar lá fora, ele faz, lava garagem. Agora aqui dentro de casa, geralmente não.

No caso de Beatriz, a questão da participação do marido tratada como “ajuda” também aparece. Ela parece reivindicar uma maior participação dele, mas, ainda assim, não se desvincula da responsabilidade doméstica. É o que podemos observar no trecho abaixo:

E: Qual sua rotina depois do trabalho?

Beatriz: Então, eu saio do hospital, vou lá na minha mãe, pego a Sabrina, às vezes converso um pouco com minha mãe, converso com meu pai. Aí, chega aqui umas oito horas por aí, brinco um pouco com a Sabrina e tal, se ela não jantou, aí vou providenciar o nosso lanche. Às vezes eu faço uma farofa. Com ovo mexido e tal. Aí fico brincando com a Sabrina. Depois deixo ela brincando e vou mexer com as coisas da Tupperware. (...) Agora o serviço doméstico eu faço mais no dia que tô em casa.

E: E é só você quem faz?

Beatriz: Mas, o Jander me ajuda, né? É tipo assim, até uma época eu fiz. Aí eu falei: ah não! Tem que me ajudar mais e tal. Mas, tipo assim, cozinha acaba que eu faço. Eu faço almoço, às vezes ele pega marmita, aí dá um alívio também, mas não é sempre. E às vezes a moça que vai na minha mãe, vem aqui pra mim também. Mas, faz tempo que ela não vem.

De todas as entrevistadas, Júlia é a única delas que fala que o trabalho doméstico deve ser dividido entre ela e o marido. Se não percebe a divisão de tarefas, ela questiona e reivindica. Essa entrevistada parece ser a única que não toma para si, exclusivamente, a responsabilidade sobre o trabalho reprodutivo. Quando cita a necessidade de contratação de uma pessoa para suprir a realização deste trabalho na casa dela, não deixa claro que seja necessariamente uma mulher. Então, nesse caso, não é possível para fazer uma afirmação definitiva.

E: Qual sua rotina depois do trabalho?

Júlia: Quando eu tenho compromisso na igreja, aí eu vou. Porque eu tenho algumas atividades na igreja, de banda, de música, louvor, essas coisas. Tem dias que tem ensaio, tem dias que não. Vou nos ensaios e depois vou pra casa. No momento não estou estudando nada, então minha vida tem girado em torno disso. Aí quando chego em casa, me organizo e procuro descansar pra rotina do dia seguinte.

E: Você tem empregada doméstica?

Júlia: No momento não. Mas, também não fico com essa neura de ficar fazendo as coisas quando chego em casa depois daqui não. Eu cozinho, mas não é todo dia não. As outras coisas eu com o Paulo [marido] fazemos.

E: Vocês dividem?

Júlia: Divide! Ou, eu surto antes. Porque eu sempre falei com ele que pela nossa renda dava pra gente se organizar e ter uma pessoa de quinze em quinze dias em casa. Só que ele é muito fechado, essa questão de receber gente pra limpar casa, essas coisas sempre foi neurótico. Aí ele prefere pegar um dia e arrumar. E ele faz direito. Mas não tem jeito, a nossa vida está nos conduzindo pra pelo menos de quinze em quinze, ter alguém em casa.

Conforme foi mostrado na análise desse segundo ponto das entrevistas, conclui-se que a maioria das trabalhadoras entrevistadas, com exceção de uma, percebe o trabalho reprodutivo como responsabilidade delas. Ainda que tenham a percepção do quanto o trabalho doméstico exige delas e possam cobrar, à exceção desta última, timidamente mais participação do homem (na figura do marido ou filho), nas atividades domésticas, a responsabilidade por essas atividades continua sendo percebida como delas, exclusivamente.

No geral, pode-se concluir que, mesmo todas reconhecendo o trabalho reprodutivo como uma forma de trabalho e não como algo natural feminino e, além disso, percebendo que uma dupla jornada, marcada pelo trabalho doméstico e o trabalho fora de casa, só representa mais cansaço e acúmulo de funções, a maioria delas ainda não se desvincularam da ideia de que essa forma de trabalho é responsabilidade exclusiva das mulheres.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após a análise das falas das entrevistadas, concluiu-se que quando foram questionadas sobre se pudessem escolher entre trabalhar no hospital ou em casa, caso o trabalho doméstico fosse remunerado, seis delas responderam que escolheriam trabalhar em casa e três que preferiam trabalhar no hospital. É importante ressaltar que essas trabalhadoras são as que exercem funções que exigem menos qualificação e que têm salários mais baixos. Por outro lado, a minoria, mais especificamente três trabalhadoras, disseram que não renunciariam ao trabalho remunerado fora de casa. Estas exercem cargos que exigem maior qualificação e tem salários mais altos.

É possível concluir, portanto, que a motivação que julgam ter para trabalhar fora é a remuneração, marcada pela necessidade e preocupação com as responsabilidades financeiras. Um segundo ponto que destacamos é que mesmo reconhecendo que o trabalho doméstico é uma forma de trabalho, portanto negam a ideia de não-trabalho, elas assimilam a ideologia capitalista que trata o trabalho doméstico não remunerado como responsabilidade principalmente da mulher. Elas falam sobre a pressão da sociedade que recai mais sobre a mulher quanto aos cuidados domésticos, enquanto o homem é menos pressionado a se responsabilizar por esse tipo de trabalho. No entanto, como é possível verificar nas falas que transcrevemos acima, nenhuma delas coloca em xeque esse papel como sendo essencialmente feminino. Podemos concluir afirmando que o trabalho fora de casa não significa qualquer realização profissional ou libertação para a maioria das entrevistadas.

Por fim, não foi possível explorar variáveis que contrapusessem trabalho reprodutivo e trabalho improdutivo no Serviço Público de Saúde. Não encontramos em suas falas aspectos que pudessem ajudar a entender elementos relativos à dupla jornada, própria de trabalhadoras da saúde, e que fossem capazes de trazer novidades para a Teoria da Reprodução. Deixamos aqui a promessa de aprofundar esse tema em outra oportunidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

\_\_\_\_\_. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2019.

MARX, Karl. **O capital: crítica de economia política: livro I: o processo de produção do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

\_\_\_\_\_.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 2001.

SOUZA, Marília Duarte de. “Ser Trabalhadora Produtiva é antes um azar”: a expansão da exploração capitalista sobre o trabalho reprodutivo. Dissertação de Mestrado. UFMG, 2020.